



A INEVITABILIDADE DA OPRESSÃO DE GÊNERO NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA SEGUNDO A TEORIA DA REPRODUÇÃO SOCIAL

Palavras-Chave: GÊNERO, CAPITALISMO, DESIGUALDADE, TEORIA FEMINISTA

Autores(as):

Brenda de Oliveira Buzzo, IFCH - UNICAMP

Prof. Dr. Armando Boito Júnior (orientador), IFCH - UNICAMP

Dr^a. Mariana Shinohara Roncato (coorientadora), IFCH - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa teve como objetivo compreender os principais pressupostos e fundamentos teóricos da Teoria da Reprodução Social (TRS) que sustentam a tese da inevitabilidade da opressão de gênero no modo de produção capitalista. Partindo do projeto teórico de Lise Vogel (2022 [1983]) – precursora da posteriormente chamada TRS – de ampliar o materialismo histórico às relações de gênero, buscamos apresentar como a autora, a partir das categorias elaboradas por Karl Marx, em seu processo de formulação de uma teoria crítica do capitalismo, funda uma nova perspectiva de análise do feminismo marxista da década de 1980.

As bases da Teoria da Reprodução Social (TRS) são formadas em um contexto de efervescência política e teórica dentro do movimento feminista dos Estados Unidos na década de 1970. Com o “Debate sobre o Trabalho Doméstico”, ao final da década de 1960, a questão do trabalho doméstico não remunerado realizado por mulheres ganhou centralidade nos debates feministas norte-americanos e, aliado a isso, iniciou-se um período de resgate da tradição marxista, com o intuito de utilizar suas categorias para compreender o problema. As feministas marxistas argumentaram que as questões como “reprodução biológica, o trabalho de cuidado das crianças e as tarefas domésticas” não poderiam ser compreendidas como componentes de uma natureza ou essência femininas, mas deveriam ser tratadas em suas dimensões históricas e materiais, pois se referem ao modo como a força de trabalho é reproduzida na sociedade ou, em outras palavras, como a reprodução social é organizada pelo modo de produção capitalista (Vogel, 2022 [1983]).

Essa virada materialista na compreensão das relações sociais que constituem a dinâmica de opressão das mulheres buscava romper com explicações universalistas e trans-históricas, cujas

proposições partiam de um conceito de patriarcado abstrato e generalizante, incapaz de apreender as particularidades das diferentes formas e expressões da desigualdade de gênero. Apesar do esforço de tratar a materialidade e historicidade da opressão, muitas teóricas vinculadas ao Debate do Trabalho Doméstico limitaram o problema aos lares e à estrutura familiar burguesa, privatizando a desigualdade para longe da esfera pública e produtiva da sociedade e se afastando da teoria marxista, a qual foi entendida como incapaz de elucidar os fundamentos da opressão. Essa dicotomia explicativa, que separa as relações sociais capitalistas das relações sociais generificadas, foi denominada "*dual-systems theory*" - traduzida como Teoria dos Sistemas Duplos. Tal perspectiva é duramente rejeitada e combatida por Vogel (2022 [1983]) e por outras teóricas que, ao levarem seus pressupostos às últimas consequências, formularam a Teoria da Reprodução Social, sendo elas Arruzza, Ferguson, McNally, e Bhattacharya. Para a TRS, embora o processo de produção da mercadoria força de trabalho ocorra, ao menos em partes, fora do circuito da produção de mercadorias, ou seja, em unidades domésticas e privadas, apartadas da produção social, isso não significa que ele, como compreendem essas abordagens dualistas, esteja desarticulado do capitalismo; ao contrário, constitui uma condição de existência inextinguível desse modo de produção. Ou seja, a “noção de reprodução social, nessa perspectiva, tem o sentido de destacar a centralidade do trabalho de manutenção da vida e de reprodução da próxima geração como uma parte do trabalho necessário no interior de todo o processo de reprodução societal.” (Arruzza, 2017, p. 41).

METODOLOGIA:

A presente pesquisa partiu de um problema teórico – a tese da inevitabilidade da opressão de gênero no modo de produção capitalista, defendida pela Teoria da Reprodução Social –, assim sendo, adotamos o método de pesquisa bibliográfica exploratória (Gil, 2002), isto é, pautada na consulta de livros, artigos e outros materiais em que autores debruçaram-se sobre o assunto, neste caso, sobre a formulação e sistematização da Teoria da Reprodução Social. Durante todo o período de estudo e investigação, foram desenvolvidos fichamentos, relatórios de leitura e anotações de tradução – visto que a maior parte da bibliografia se encontra em inglês –, para sistematizar o aparato conceitual, as formulações teóricas e os desdobramentos analíticos do problema da pesquisa. Percorrendo seus debates, buscamos discorrer sobre as diferentes perspectivas das autoras vinculadas a esse novo campo, para evidenciar, paralelamente, as disputas que permeiam – e permeiam – seu processo de elaboração.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Ao invés de buscar a explicação da desigualdade de gênero por fora do marxismo – como fizeram muitas autoras após o Debate sobre o Trabalho Doméstico –, Vogel (1981) situou a opressão das mulheres na estrutura da dinâmica de permanência e desenvolvimento do capitalismo. Assim, seu livro *Marxismo e a opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária* (2022 [1983]) representa a fundação de um novo campo do feminismo marxista, agora não mais gestado a partir da necessidade de superação das “insuficientes” categorias de Marx, mas sim pela demonstração da validade de tais categorias para compreender a situação das mulheres no modo de produção capitalista.

Através da centralização da categoria “trabalho” como base da “criação ou reprodução da sociedade como um todo”, “os teóricos da reprodução social compreendem a relação entre o trabalho que produz mercadoria e o que produz pessoas como parte da totalidade sistêmica do capitalismo” (Bhattacharya, 2023, p.18-19). Deste modo, embora o referencial teórico seja centrado no método e categorias marxianas, há uma crítica a Marx – e à toda tradição marxista até então – que funda e norteia este novo campo: apesar da teoria marxista identificar corretamente a força de trabalho como um eixo imprescindível do modo de produção capitalista, esse diagnóstico não foi levado às últimas consequências ao deixar de questionar quem produz a força de trabalho e quais os processos sociais envolvidos em sua produção e reprodução. Para Bhattacharya (2019), é justamente esse lampejo a grande contribuição da TRS, pois evidencia que a totalidade capitalista integra, ainda que de modo desigual, complexo e contraditório, a esfera da produção e a esfera da reprodução.

A TRS identifica a reprodução social como conceito chave, pois ele evidencia contradições e sutilezas de um modo de produção que, como qualquer outro, não produz apenas mercadorias ou bens, mas, em seu próprio processo de produzir a si mesmo, produz também um modo de organização social, política, cultural e ideológica responsável pela reprodução do sistema enquanto uma totalidade em contínuo fluxo de totalização. Isso pressupõe, para dar coerência à tese defendida pelas autoras, “considerar o capitalismo não como um conjunto de leis puramente econômicas, mas antes como uma complexa e articulada ordem social, uma ordem que tem seu núcleo constituído de relações de exploração, dominação e alienação.” (Arruzza, 2015, p. 38)

A partir do conceito de totalidade, A TRS evidencia que o processo de generificação, em sua combinação indissociável com o processo de exploração da força de trabalho, produz formas de opressão que não podem ser desarticuladas de sua relação dialética para com o todo capitalista, o qual elas, sendo partes dele, expressam (Ferguson, 2017). “O conceito dialético de totalidade envolve, portanto, a compreensão de um processo de totalização que unifica (sem suprimir) as totalidades parciais constitutivas dele.” (McNally, 2023, p. 172), rompendo com leituras marxistas economicistas, cujas conclusões escamotearam as relações de gênero e raça da constituição do modo de produção capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O projeto teórico de centralizar o conceito de reprodução social, além de ampliar a capacidade explicativa da teoria marxista, oferece às teorias feministas uma nova orientação científica e política, pois evidencia que a produção da força de trabalho e o trabalho reprodutivo, responsável por manter e conservar as condições essenciais à produção, são fundamentos da opressão de gênero nas sociedades capitalistas. Esse imprescindível trabalho cotidianamente realizado por mulheres foi historicamente ocultado e naturalizado sob justificativas economicistas e conservadoras, mesmo tendo sido teorizado por mulheres desde pelo menos o século XIX – com as pioneiras obras de Harriet Martineau (2021 [1838]), Charlotte Perkins Gilman (2021 [1898, 1910]). Durante o Debate Sobre o Trabalho Doméstico nas décadas de 1960 e 1970, embora tenha sido largamente discutido pelo movimento feminista, a questão da reprodução social ainda não havia sido sistematizada enquanto uma teoria social em sentido amplo, capaz não apenas de explicar a situação das mulheres nas sociedades de classes, mas também diversas outras dinâmicas de exploração e opressão alheias a esfera econômica.

Através das categorias de totalidade e trabalho, a TRS demonstrou que a opressão de gênero no modo de produção capitalista faz parte de sua constituição, posto que, para que o capitalismo possa existir, são necessários diversos processos reprodutivos, desde a reposição geracional, até o disciplinamento, alimentação etc. Isso quer dizer que por mais que a desigualdade entre homens e mulheres anteceda o capitalismo, inserida neste, a opressão das mulheres e as relações de poder hierarquicamente generificadas adquirem características particulares e passam a constituí-lo e fazer parte de seus elementos fundamentais.

BIBLIOGRAFIA

ARRUZZA, C. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. **Revista Outubro**, v. 23, n. 01, 2015.

_____. Funcionalista, determinista e reducionista: o feminismo da reprodução social e seus críticos. **Cadernos Cemarx**. Campinas, n. 10, 2017.

BHATTACHARYA, T. O que é a teoria da reprodução social? **Revista Outubro**, no 32, 1º semestre de 2019.

_____. **Teoria da reprodução social**: Remapear a classe, recentralizar a opressão. São Paulo: Editora Elefante, 2023 [2017].

FERGUSON, S. Feminismos interseccional e da reprodução social: rumo a uma ontologia integrativa. **Cadernos Cemarx**, n. 10, p. 13-38, 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GILMAN, Charlotte Perkins. Mulheres e economia: um estudo da relação econômica entre homens e mulheres como fator de evolução social (1898); O lar: seu funcionamento e influência (1910). In: Toste, Verônica; Sorj, Bila. **Clássicas do pensamento social**: mulheres e feminismos no século XIX. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021, pp.117-140.

MARTINEAU, Harriet. Serviço doméstico (1838). In: Toste, Verônica; Sorj, Bila. **Clássicas do pensamento social**: mulheres e feminismos no século XIX. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021, pp.19-48.

MCNALLY, D. Interseções e dialética: reconstruções críticas na teoria da reprodução social. In: BHATTACHARYA, T. (org.). **Teoria da Reprodução Social**: Remapear a Classe, recentralizar a opressão. São Paulo: Elefante, 2023.

VOGEL, L. **Marxismo e a opressão às mulheres**: rumo a uma teoria unitária. São Paulo: Expressão Popular, 2022 [1983].